

Patricia Ramira de Oliveira-1

1-Universidade Federal de Viçosa

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência pedagógica vivida como bolsista do PIBID, subprojeto Pedagogia, atuante, juntamente com a professora da turma do 4º ano do ensino fundamental, da rede municipal de ensino. O projeto possibilita a vivência no âmbito escolar desde a graduação, intervindo com possíveis metodologias pedagógicas que auxiliem os alunos que apresentem dificuldades visando melhorar seu desempenho. Assim, a vivência escolar através do Pibid promove um melhor aproveitamento escolar para os alunos e o aprimoramento da formação acadêmica das alunas da licenciatura. A turma do 4º ano é composta por 23 alunos, moradores do bairro da escola, possuem 9 a 13 anos de idade. Nessa turma existem cerca de 4 alunos considerados “fracos e/ou problemáticos”, dois meninos (12 e 13 anos, pardo e negro) e duas meninas (9 anos, branca e negra), que possuem, geralmente, média baixa nas provas, são repetentes e dificilmente fazem as tarefas de casa. Diante desse quadro, foi realizado um diagnóstico desses alunos, para subsidiar o planejamento de intervenções que pudessem contribuir com a aprendizagem e superação das dificuldades identificadas. Através de conversas informais com os alunos em referência, com professores e funcionários da escola, fui traçando o seguinte perfil: no horário contrário da aula brincam, assistem TV e/ou jogam vídeo game. Não se preocupam com a tarefa de casa, porque não reconhecem um motivo para isso. E a repetência se deve ao não estudo e não dedicação de cada um. Os professores alegam que são alunos indisciplinados, não interessados e/ou de aprendizado lento. Entendendo a motivação como ponto chave para um melhor rendimento escolar e desenvolvimento cognitivo, busquei na literatura apoio para que pudesse motivar àqueles alunos a se dedicarem mais a aprender e alcançar um rendimento escolar satisfatório. Os estudos sobre motivação tiveram início aproximadamente nos anos 30, tendo como foco experiências com animais. Somente por volta dos anos 60 e 70 os educadores começaram a desenvolver pesquisas na área de motivação educacional, considerando-a

fundamental para o aluno, pois este, quando motivado, encontra motivos para aprender, melhorar e descobrir novos conhecimentos. Este é um processo que vai se construindo, entre tentativas e resultados: positivos e negativos. O indivíduo traça metas que o orientarão em atividades que deverão atrair ou evitar para concretizar uma ação que o faça alcançar seu objetivo, sejam elas as atividades físicas – entendidas como o esforço, a persistência, e/ou atividades mentais – sejam elas atividades mentais como pensar, planejar ou avaliar. Para haver uma interferência motivacional nos alunos “problema”, procuramos embasamento teórico nos estudos de Boruchovitch (2008), Neves e Boruchovitch (2004), Santos, Stobäus, Mosquera (2007), Lourenço e Paiva (2010), Carvalho (2011). Encontramos em Boruchovitch (2001), as seguintes questões orientadoras para um trabalho motivacional, o que envolve estabelecimento de metas, componente afetivo, auto-eficácia e atribuições de causalidade: 1) Por que realizar essa tarefa? 2) Como eu me sinto ao ter que realizar essa tarefa? 3) Será que eu consigo realizar essa tarefa com sucesso? 4) Por que será que eu tive sucesso ou fracassei? Usei essas questões para indagar, individualmente, cada aluno “problema”, identificando se existia algum tipo de motivação que o levava a estar ali. A partir disso, fui estimulando-os a traçarem uma meta da qual os beneficie cognitivamente, descobrindo suas dificuldades e facilidades, seja objetivas ou subjetivas, e encaminhando-os a caminhos que os façam alcançar o sucesso. Eles me apontaram, fortemente, o interesse em ingressar no mercado de trabalho e de evitarem punições dos pais e/ou responsáveis por não irem à escola e/ou repetirem de ano, o que me fez concluir que são motivados extrinsecamente (quando a realização de tarefas tem em vista o recebimento de recompensas externas de diversos tipos), e não intrinsecamente (quando o indivíduo realiza a tarefa por iniciativa própria, por simplesmente achá-la prazerosa). Estes estudantes visam mais o que estudo pode oferecer como uma vantagem externa do que se sentirem atraídos pelo conhecimento e estudo.

Contudo, essa motivação não é suficiente para que obtenham sucesso escolar e dedicação com as obrigações da escola, acarretando uma defasagem de aprendizagem acumulado ao longo de alguns anos escolares. São alunos que acham as aulas “convencionais” chatas e que não despertam seu interesse em aprender. Para isso organizamos diversas intervenções pedagógicas para aplicar a esses alunos, ditos “problemas”, durante o desenvolvimento do PIBID na escola. A principal ação que estabelecemos como docentes é o feedback das atividades feitas. Ao realizar uma atividade escrita ou prática, indicamos as falhas dando chance a eles de corrigirem sozinhos e ao acertarem reconhecemos seu trabalho, estimulando a alcançarem mais o êxito. Quando fracassam na execução de alguma atividade, insistimos e estimulamos para que o aluno não desista de realizá-la. Dar apoio, incentivar, orientar os alunos nas atividades, elevar a autoestima com brincadeiras, dinâmicas e discussões, preparar atividades que atendam o grau de dificuldade e facilidade agradável aos alunos, dar chance de participação a esses alunos – que muitas vezes eram negligenciados – são ações que têm sido aplicadas, tanto por mim como bolsista pibidiana, como pela professora da turma. Com isso trabalhamos dinâmicas que valorizam cada indivíduo. Em uma pequena caixa colocamos um espelho e anunciamos que só poderiam abrir a caixa os mais corajosos. Instigamos cada aluno que só poderia abrir a caixa, para vê o que havia lá dentro, alunos ousados para descrever a pessoa que estava dentro da caixa. Ao abrir a caixa e se deparar consigo mesmo, os alunos eram indagados com perguntas como: Quais são suas qualidades? E os seus defeitos? O que você gosta de fazer? O que você quer ser quando crescer? Você gosta da sua turma? Essa atividade foi importante para estimular a autoestima, quando respondiam sobre suas qualidades e defeitos, e para destacar a importância de cada aluno naquela sala de aula. Com essa atividade, também extinguímos algumas implicância entre alguns alunos que se apelidavam por não conseguir acompanhar a matéria dada pela professora, o que mais tarde refletiu em perguntas “sem culpa” durante as aulas e assim um aprendizado mais significativo. Nossas ações para motivar os alunos vão acontecendo aos poucos e nos pequenos detalhes da vida cotidiana escolar. O feedback tem sido uma importante ferramenta para estimular os alunos e motivá-los a estudar, tendo como recompensa um melhor aprendizado e desenvolvimento cognitivo, das habilidades e competências de cada um. O resultado dessas ações tem surtido grandes efeitos nesses alunos. O que nos leva a crer que o que se considera como dificul-

dade de aprendizado era na verdade desmotivação para com a escola e com os estudos. Outra questão pertinente e de grande importância para motivar esses alunos, foi tornar o ambiente, tanto físico quanto o subjetivo, agradável a eles. Boruchovitch (2008) afirma para uma plena motivação, a sala de aula, como ambiente de aprendizado, deve ser aprazível. É necessária que o aluno se sinta parte dele, que suas dúvidas sejam escutadas e solucionadas. A motivação é algo que é principalmente mediada pelo professor, pois ele é um importante personagem para estimular a motivação dos seus alunos, principalmente quando oferece o feedback ao seu aluno. Para tanto, ele mesmo tem que ser uma pessoa motivada, o exemplo para seus alunos

Área: Educação; Pedagogia.

Palavras-chave: Motivação; PIBID;